

PRESENÇA DO MAR

Adelaide Matana Villa.

(Universidade Federal do Paraná)

Havia sol, no poente, sangrando,
fazendo róseas as velas de volta ao lar;
mas havia, sobretudo, a côr própria do mar.

Havia gaivotas gargalhando
em tórno de um barco a repousar;
mas havia, sobretudo, o canto do mar.

Havia lianas e fôlhas de palmeiras
nos braços do vento a se embalar;
mas havia, sobretudo, o balanço do mar.

Havia estrêlas e algas marinhas
seus segredos, na areia, a sepultar;
mas havia, sobretudo, o mistério do mar.

Havia alegres corpos colorindo
a espuma leitosa a fervilhar;
mas havia, sobretudo, o mistério do mar.

Havia céu azul, lua, vento, navios,
gente buliçosa na areia a brincar;
mas havia, sobretudo, a presença do mar.

CANTILENA DAS EVOCAÇÕES

Vozes dormidas
quem vos despertou?
Lembranças passadas
quem vos invocou?

Juras esquecidas
quem vos lembrou?
Palavras perdidas
quem vos reencontrou?

Suspiros calados
de quem muito amou,
pranto escondido
quem vos revelou?

Saudade, saudade,
quem vos conclamou?
Ó tempos passados,
quem vos convocou?

A noite do tempo
não vos ocultou?
Silêncio da noite
quem vos perturbou?

A hora tão calma,
o passado evocou
e o cortejo de mágoas
pela hora passou...

NAVIO NO PÔRTO

"Navio no pôrto!

"Navio no pôrto!"

A molecada passa correndo a gritar.

Toque-toque...

ressoam, apressados, na calçada,

os tamancos da estiva

até há pouco imobilizados

à sombra do cais,

na tarde ensolarada.

"Navio no pôrto!

Navio no pôrto!"

Avisa o apito rouco.

A rua se anima de repente.

Carregadores passam em disparada.

a moçada faz presença

na hora modorrenta

com mar semelhante lagoa parada.

Faces entediadas,

almas sonolentas,

tudo se alegra e movimenta

ao chegar o navio no pôrto.

O lugarejo perde o jeito de coisa morta,

faz-se vivo, tumultuado,

com vaivéns e toque-toques

e vozes estridentes repetindo:

"Navio no pôrto!

"Navio no pôrto!"

PARTILHA

Quisera:
do leite virgem dos seringais,
dos carnudos frutos dos coqueirais,
das alvas salinas dos areais,
dos brancos flocos dos algodoais,
das gemas raras das minas gerais,
do gado nédio dos pantanais,
das fôlhas largas de tantos fumais,
das doces polpas dos canaviais,
dos pomos dourados dos larançais,
dos rubis preciosos dos cafêzais,
do puro vinho dos parreirais,
do ouro verde de mil ervais,
de pinhos e pinhas dos pinheirais,
dádivas divinas, excepcionais,
nesta hora incerta de temporais,
de lutas cruentas, supliciais,
pelo sobreviver das vidas materiais,
quisera um pouco, nada demais,
para dar, aos que têm menos, mais,
fazendo sorrisos de tristes ais!

MORENA QUE SAMBA, NÃO ANDA

Feixe de canas,
penca de bananas,
limão e carambola
dentro da sacola,
lá vem a morena faceira,
que samba, não anda,
de volta da feira
ou, então, da quitanda.

Que morena doçura!
De mãos na cintura,
olhar todo ternura,
equilibra, não segura,
sacola, firme, à cabeça,
embora suba e desça
degraus que há na praça,
com irreal leveza e graça.

Ah! cabrocha dengosa,
cheirando a jambo e rosa,
flor e fruto do amor de três raças,
que com fitas e rendas vela as graças!
Há de ouvir, por onde passar,
sempre um alguém a implorar:
— “Ó morena bonita
que adejas no solo,
me dá o laço de fita
que palpita em teu colo!”

MOTIVO PARA SER FELIZ

Dêem-me um motivo
para sorrir com vontade,
deliciadamente...
Sorriso em que a alma descanse
como um corpo em cadeira de balanço.

Dêem-me um motivo
para que meu olhar se ilumine,
alegremente...
Olhar que alegre melancólicos sêres ao redor
como a luz do vagalume alegre a noite sem lua.

Dêem-me um motivo
para que minhas mãos aplaudam,
entusiasticamente...
Aplausos que animem os tímidos a prosseguir
como o ruflar das asas anima o pássaro incipiente.

Dêem-me um motivo
para que meus pés corram,
desabaladamente . . .
Corrida que ultrapasse acanhados limites
como os potros bravios ultrapassam porteiras e cercados.

Dêem-me um motivo
para que eu tôda me faça
em risos, cintilações, gestos, celeridade,
indispensáveis à minha felicidade,

PRIMAVERA, OUTRA VEZ!

Outra vez êsse gesto quase esquecido
de os braços abrir para o mundo abraçar...
e êsse ar fino, sabendo a poeira de orvalho,
na manhã azulada espargindo frescor...
e êsse zumbido de abelha atarefada
à procura da flor mais fecunda...
e essa chuva perfumada de giesta
dourando a festa de todos os jardins...
e essas rosas, e êsse trissar de andorinhas
falando de amor às almas ansiosas...
e êsse ritmo acelerado de à vida retornar
dos verdes ausentes e dos sêres adormecidos...
e êsse vigor renovado de cada jovem
a cadência da marcha a acentuar...
e essa certeza, rescendendo a poder,
de agruras passadas agora olvidar...
e essa promessa da terra trabalhada
de os grãos em flôres e frutos transformar...
e êsse deslumbrar do eterno vir a ser
pondo um sorriso de esperança em cada face...
só pode ser a Primavera, outra vez!

MOTO PERPÉTUO

Perpetuar o instante único,
irreversível,
do primeiro acontecer...
O momento em que o primeiro suspirar da brisa
arrepia a lisura do lago sonolento;
o momento em que a fôlha outonal
inícia o rodopio da liberdade;
o momento em que a noite se anuncia
no desmaio das côres do poente;
o momento em que a gôta de orvalho
estremece a desprender fulgores;
o momento em que o beijo inquieto, suspenso no ar,
na flor mais bonita resolve pousar;
o momento final do botão,
prelúdio da esplêndida rosa;
o momento em que fere o silêncio do amanhecer
a primeira nota de um gorjeio;
o momento do nascer de um gesto, um som, uma côr,
o momento mais belo de uma revelação
— o primeiro movimento —
o mesmo a se renovar eternamente,
movimento tão sutil
que fugaz se nos escapa
restando o desejo de retê-lo,
perpetuá-lo,
repetí-lo ao infinito,
encantamento sem fim.

A MARCHA DE TODOS NÓS

Um, dois... um. dois...
vagido choroso primeiro,
o riso . . . depois.

Um, dois . . . um, dois...
o acêrto dos passos primeiro,
a corrida... depois.

Um, dois . . . um, dois...
promistores botões primeiro,
as rosas . . . depois.

Um, dois . . . um, dois...
efêmero viver primeiro,
eternidade' . . depois.